

A romantic couple is shown in profile, kissing in a field of tall grass at sunset. The man is on the left, wearing a light purple t-shirt, and the woman is on the right, wearing a dark blue top and light blue jeans. The background is a warm, golden glow from the setting sun. In the top right corner, there is a circular logo with a rose in the center. The text 'ROSE HILL, SERIES' is written in a semi-circle above the rose, and 'BOOK TWO' is written in a semi-circle below it.

ROSE HILL, SERIES
BOOK TWO

WILD EYES

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

ELSIE SILVER

WILD EYES

ELSIE SILVER

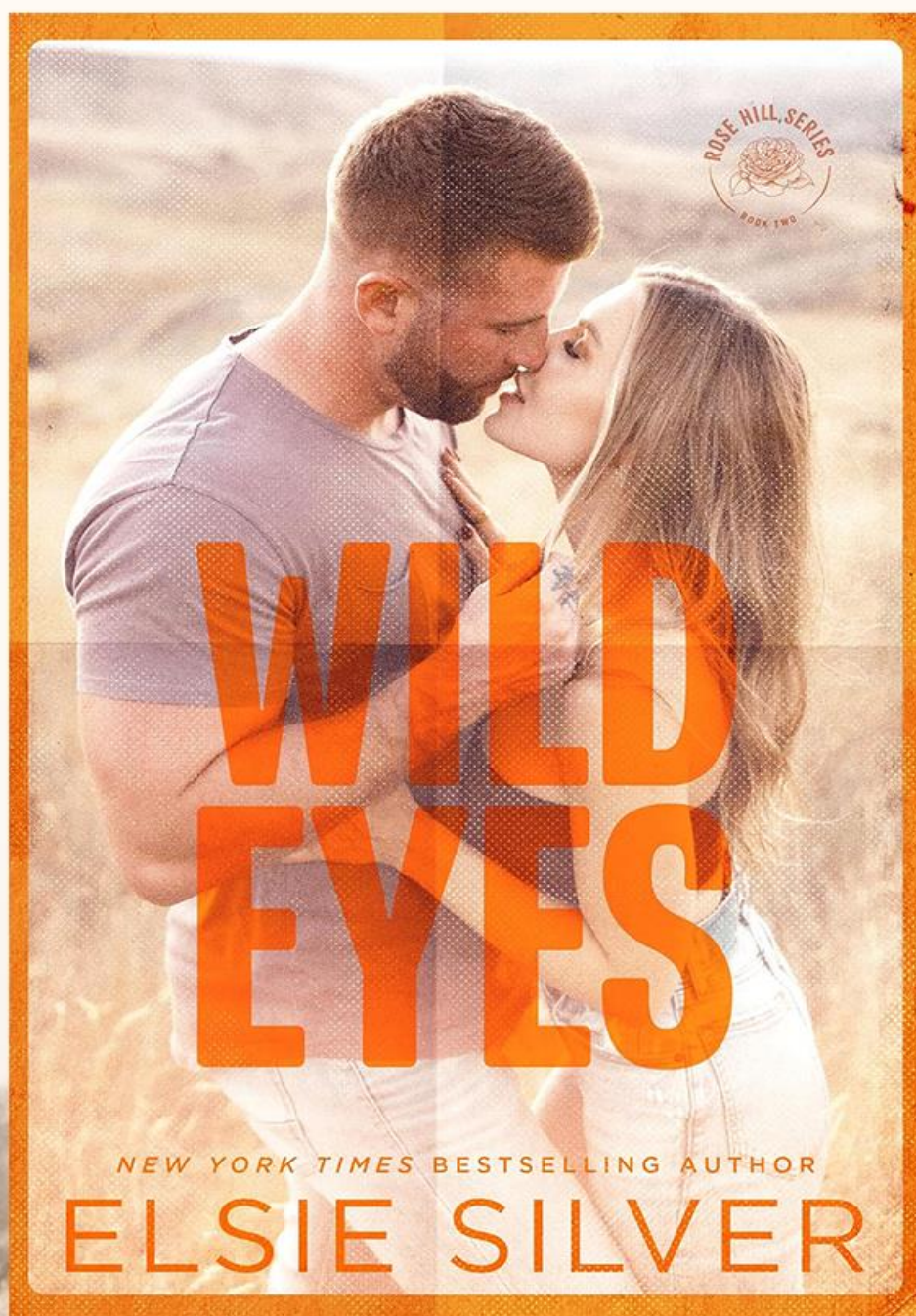
A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstando-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

ROSE WILL

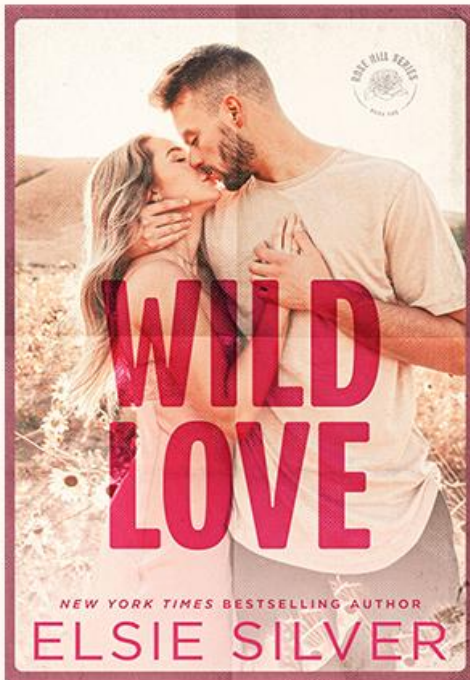
Lançamento



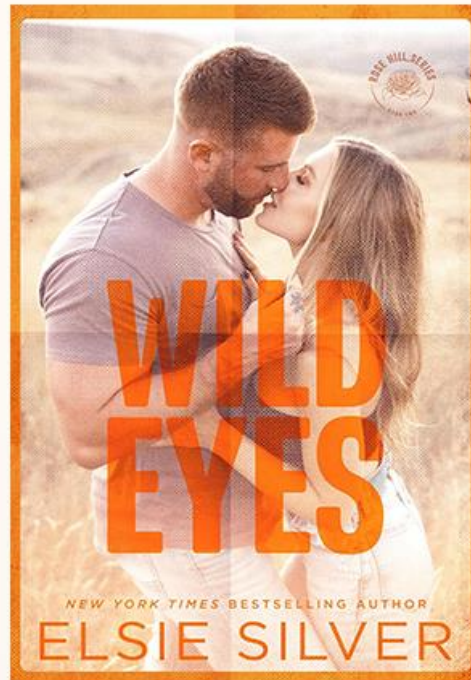
LIVRO DOIS

ROSE WILL

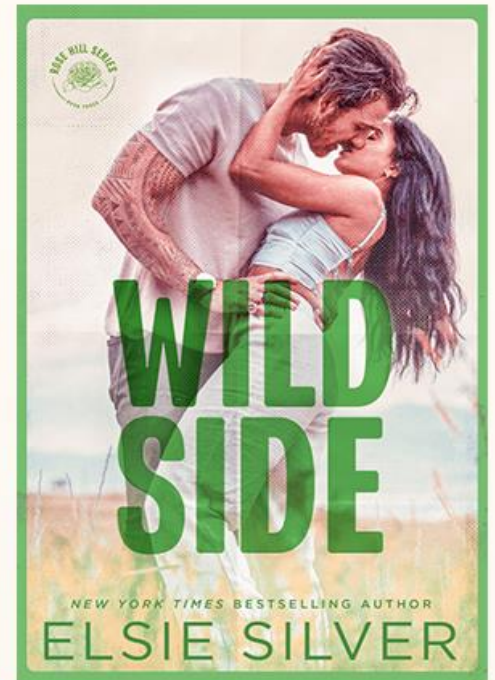
ordem da série



LIVRO UM



LIVRO DOIS



LIVRO TRÊS

SINOPSE

Uma cidade montanhosa acidentada parecia a fuga perfeita de uma vida em ruínas.

Mas no primeiro dia, ela correu de cabeça para o pai solteiro mais gostoso do mundo, e agora todos os seus planos estão arruinados.

Como uma cantora country no topo das paradas com uma recente onda de má publicidade, é difícil para Skylar Stone encontrar paz. Mas ela a encontra em Rose Hill. Com um garotinho e uma garotinha que roubam seu coração tão completamente quanto seu pai.

Weston Belmont.

O homem é um flertador descarado. Ele exala confiança e masculinidade de uma forma que é totalmente perturbadora. E na cama? Ele é viciante.

Tudo com ele é selvagem e impulsivo, e Skylar está desesperada para recuperar algum controle.

Mas ninguém a apoiou como West. E ninguém nunca a fez se sentir tão amada quanto ele também.

Então, enquanto o cérebro de Skylar diz que se estabelecer com um treinador de cavalos de cidade pequena é impossível... seu coração diz que ela está exatamente onde pertence.

Ainda assim, sua vida como celebridade a assombra. Ela tem o poder de separá-la de West.

Ela pode ver nos olhos dele que ele quer que ela fique. E ela quer isso também.

Mas ela sabe melhor do que ninguém que você nem sempre consegue o que quer.

DEDICATÓRIA

Para todos aqueles que se sentiram aleijados pelas opiniões dos outros. Espero que vocês aprendam a amar o que estão fazendo tão completamente que todas essas vozes críticas deixem de importar. E até lá, lembrem-se de que prosperar é vencer.

Vão em frente e prosperem.

AVISOS DE CONTEÚDO:

Abuso psicológico na infância, trauma na infância, abuso de substâncias/morte por overdose referenciados na página.

CAPÍTULO UM

West

O sol está brilhando, o lago está cintilante e tem outra turista na beira da estrada tentando tirar uma selfie com um urso.

Não qualquer urso. *Um urso pardo.*

— Você deve estar brincando comigo — murmuro enquanto piso suavemente no freio da minha caminhonete e balanço a cabeça. Não tenho uma visão clara da mulher, mas vejo jeans justo, um top curto e uma cachoeira de ondas bronze soltas caindo por suas costas em ondulações brilhantes.

Enquanto o urso vasculha a vala atrás dela, ela levanta uma mão e gesticula freneticamente enquanto fala ao telefone que está na sua frente.

Eu paro na frente do Tesla dela. Porque é claro que ela dirige um Tesla. E ela tem que estar a uns bons nove metros de distância dele, como se estivesse aproximando-se lentamente do animal.

Quando finalmente paro, assisto em choque puro e estupefato por um momento. Durante os meses de verão em Rose Hill, você vê essa estupidez do povo da cidade, e isso nunca deixa de me surpreender. É como se as pessoas passassem de “ver um urso” em sua lista de desejos para “ser morto por um urso” em sua lista de desejos.

Aperto o botão para abaixar minha janela, porque não quero assustar o animal, e também não quero particularmente sair da minha caminhonete. Gosto de viver, e meus dias de testar esses limites estão – em grande parte – para trás.

Então, usando a voz mais calma que consigo, digo: — Senhora.

Mas ela continua falando para a câmera, claramente gravando a si mesma sem nenhuma preocupação no mundo. — Era apenas um passeio casual por uma estrada secundária cênica quando *bum!* o urso mais lindo desfila para dentro desta vala atrás de mim.

— Minha senhora! — Inclino-me contra a minha porta e aceno meu braço para chamar sua atenção. Talvez minha voz indesejada em seu vídeo a tire disso.

E tira. Ela se vira com as sobrancelhas franzidas, olhos ardentes e um rosto que eu reconheceria em qualquer lugar.

Um rosto que a maior parte do mundo reconheceria em qualquer lugar.

Sim, a superestrela da música country Skylar Stone está intimidando-me por interromper seu vídeo. Por um momento, fico chocado. Sem palavras. Suspeito que sei o que a traz à cidade, mas não me incomodo com conversa fiada em um momento como esse. Não quero ser conhecido como o cara que ficou parado enquanto um urso pardo faminto devorava uma estrela amada.

— O quê? — ela pergunta, braços abertos, como se não estivesse de costas para um predador imprevisível. — Vou ter que regravar isso para minhas redes sociais agora.

— É um maldito urso pardo. Você precisa voltar para o seu carro — eu sibilo, apontando um polegar por cima do meu ombro em direção ao carro dela.

Ela balança a cabeça e continua encarando. — Você sabe do que eu estou farta?

— De estar viva? — falo enquanto o instinto assume o controle e saio da minha caminhonete. Por mais que eu queira bater a porta, deixo-a aberta para evitar fazer mais barulho. — Porque é assim que parece agora.

Ela zomba. — Não. Mas estou farta de pessoas dizendo-me o que fazer.

Seu olhar penetrante percorre meu jeans preto desbotado, aquele preso na saliência das minhas Blundstones¹ carvão arranhadas, antes de voltar para minha camiseta branca lisa. Seus olhos pairam sobre o buraco perto do decote e uma pequena ruga surge em seu nariz delicado, como se ela tivesse encontrado provas de que não sou digno de dar-lhe conselhos.

Aproximo-me com cautela, esticando o pescoço para olhar para baixo da encosta, onde a corcova marrom e grisalha reveladora espreita acima dos arbustos. Posso ouvir seus grunhidos profundos e satisfeitos enquanto ele forrageia, provavelmente arrancando frutas de um arbusto como aperitivo antes de subir e arrancar os membros de nossos corpos para o prato principal.

— Entendo. Realmente entendo e me rendo. Mas esta pode não ser a colina para morrer agora. Literal e figurativamente. Se

¹ Botas.

sobrevivermos a isso, levo você a um zoológico e filmo seu conteúdo de mídia social para você. E eu odeio mídia social, mas não quebro promessas.

Ela segue meu olhar e então levanta o queixo para me encarar de frente. Lábios de veludo em formato de coração franzem com força e olhos castanhos estreitam-se para mim como mísseis prontos para serem lançados. Ela esconde o telefone cruzando os braços bronzeados.

Pura ousadia.

Ela me lembra minha filha de seis anos, Emmy. Algo que só é enfatizado quando ela pisa um pé. A diferença é que eu teria pegado Emmy como uma bola de futebol debaixo do braço e dado o fora daqui há uns bons sessenta segundos.

— Ele está comendo. Ele nem sabe que estou aqui. E nunca vi um urso pessoalmente. — Ela choraminga a última parte, como se eu fosse o cara mau estragando toda a diversão dela.

Meu queixo cai enquanto olho para essa mulher. Ela tem brincos de diamante do tamanho de mirtilos maduros nas orelhas. Eles são tão grandes que, se ela fosse qualquer outra pessoa, eu pensaria que eram falsos. — Escute, entendo. Não há ursos na cidade. É uma experiência. Mas isso — aponto para o urso — não é o Ursinho Pooh.

Sua expressão é tensa enquanto ela olha ansiosamente para a vala. É como se ela visse minha lógica, mas desejasse muito não ter visto.

Continuo, porque parece que a referência à ficção infantil realmente atingiu-me. — O Bisonho não está preso em um poço. O Leitão não está procurando um pote de mel para ele. Apenas... finja que eu sou a Coruja, e estou lhe dando um conselho muito sábio agora.

— Mas... há bebês — ela quase murmura a palavra *bebês*, dizendo-a com ênfase extra, como se isso tornasse toda essa coisa cativante. Como se isso tornasse seu comportamento irracional mais lógico de alguma forma.

Mas qualquer um que entenda de ursos sabe que as coisas pioraram muito. Chego mais perto da vala, como se precisasse vê-los com meus próprios olhos para confirmar o quão ruim é essa situação. Estico o pescoço e, com certeza... lá estão eles. Dois.

— Por favor — eu digo, tentando uma abordagem menos forçada enquanto também encho minha voz com o máximo de súplica que consigo reunir. Com um braço estendido, eu dobro meus dedos sobre minha palma repetidamente, gesticulando para ela vir para frente como se fosse um cavalo arisco. Como treinador de cavalos, tenho muita experiência com isso. Tudo fanfarronice — até que não seja mais.

Ela deve ter percebido o tom urgente na minha voz porque seus ombros caem, e ela engole em seco enquanto seus olhos vão e voltam dos meus, parecendo avaliar se sou confiável.

Finalmente, recebo um aceno e um passo hesitante para longe da vala funda. Uma respiração pesada e aliviada sai dos meus pulmões enquanto ela move-se em minha direção.

Mas esse alívio dura pouco porque, assim que ela se afasta, o urso a segue como se estivesse preso a uma coleira invisível.

Não posso culpá-lo.

Ela é sedutora. Há algo nela que torna difícil desviar meus olhos. Você pode ver na tela. Ouvir no rádio. E é ainda mais pronunciado pessoalmente.

— Ok, boneca.

— Não me chame de *boneca*...

— Você precisa ficar quieta — falo abruptamente, mantendo minha voz o mais uniforme possível. Meu olhar move-se além dela para o enorme urso emergindo da encosta, com unhas de dez centímetros de comprimento estalando enquanto ele dá seus primeiros passos no asfalto. O som congela Skylar em seu caminho. — Ande em minha direção lentamente. Não corra. Não olhe para trás. Fique calma.

Ela pisca forte e rápido. Posso ver que ela quer me mandar ir me foder, mas ela tem algum instinto de sobrevivência por baixo de toda essa atitude, porque ela segue minhas instruções.

O urso solta um bufo alto, e Skylar gagueja, olhos arregalados fixando-se nos meus como se sua vida dependesse disso. Eu aceno e gesticulo com minha mão novamente. Como se eu pudesse fazer alguma coisa por ela agora, além de fazê-la chegar perto o suficiente para entrar pela porta aberta da minha caminhonete.

Ela continua andando, mas seus passos aumentam um pouco a velocidade. Sua respiração fica irregular. Começo a mover-me

lentamente de volta para minha caminhonete, esperando que ela me siga.

— Boa menina. Você está indo muito bem. — Em qualquer outro momento, eu riria de mim mesmo por falar com essa mulher como um cavalo. Mas neste momento, minha pele zumbe com a tensão e meus músculos contraem-se como se estivessem prontos para entrar em ação.

Ela assente, então espia por cima do ombro e emite um pequeno grito, como se tivesse acabado de perceber o tamanho enorme do urso que a segue.

Mas esse barulho não era o certo a ser feito. Porque o urso percebe e de repente fica mais interessado do que estava. O urso para e ergue-se sobre as patas traseiras.

O som que ele faz agora é mais como um latido, seguido por uma fungada e uma inclinação de cabeça interessada.

Uma demonstração de curiosidade, não de agressão.

Pelo menos ainda não.

— Oh, Deus, oh, Deus, oh, Deus — ela sussurra, sua voz saindo embargada e chorosa.

Com uma mão estendida, convoco toda a calma dentro de mim. — Faça o que fizer, não corra...

Antes que eu possa dizer a palavra *corra*, ela corre *pra* caralho na minha direção. E contra o que seria o melhor julgamento da maioria das pessoas, eu entro em ação sem pensar.

Vou direto em sua direção.

E o urso.

O urso que agora está arranhando a estrada como se estivesse pronto para atacar. Ele dá alguns saltos poderosos para frente antes de recuar.

Agora no modo defensivo, faço a única coisa que consigo pensar. No instante em que alcanço Skylar, meus dedos envolvem seu bíceps, e enrolo um braço em volta da parte de trás de sua cabeça antes de nos jogar no chão. Meu corpo alto cobre o menor dela como um escudo.

Ela se contorce contra mim. — O que você está...

Eu a interrompo colocando uma mão sobre sua boca, apoiando-me no braço oposto e balançando a cabeça. — Pare. Por favor, pare. Preciso que você fique quieta e parada. E o urso provavelmente irá embora.

Ela acena sutilmente. O suficiente para que eu possa remover minha mão e prender todo o topo de sua cabeça com meus antebraços.

Seus olhos dourados aterrorizados buscam os meus novamente e eu posso sentir o cheiro de algo doce em sua respiração enquanto ela ofega nervosamente no ar entre nós. Tangerina e açúcar.

— Podemos ir até a sua caminhonete?

Mal consigo ouvi-la por causa do som do meu coração batendo forte nos meus ouvidos. — Não estamos perto o suficiente e não gosto das nossas chances de correr mais rápido que um urso pardo.

— Okay. — Ela lambe os lábios nervosamente e vejo uma lágrima perdida vazar de um olho. Ela rola sobre sua têmpora antes de cair em direção à orelha. Eu traço o caminho molhado com meu olhar antes de encontrar o dela e dar a ela minha total atenção, transmitindo uma sensação externa de calma que não necessariamente corresponde ao que estou sentindo por dentro.

Mais lágrimas escorrem enquanto olhamos um para o outro.

— Sinto muito. — Seu soluço sufocado atinge-me com força no peito.

Posso ouvir o urso bufando enquanto aproxima-se a poucos metros de nós. Juro que o chão treme sob o peso de seus passos. Passos mais leves ecoam mais abaixo na vala. E presumo que sejam os filhotes.

Meu polegar esfrega círculos suaves e lentos sobre o topo da cabeça dela. — Está tudo bem. Você está bem. Nós vamos ficar quietos juntos e então tudo vai ficar bem — sussurro as palavras para ela, mas eu as digo para mim mesmo.

Ela pisca em reconhecimento, e eu pisco de volta. Então distraio-me contando os tons rodopiantes de suas íris. Marrom, dourado, verde e um cinza delicado entrelaçado entre eles. No mínimo quatro cores.

E mesmo cobertas por um brilho de lágrimas, elas brilham.

Não tenho certeza se já me perdi tanto nos olhos de um completo estranho.

— Diga-me que vai ficar tudo bem de novo. — As palavras são um suspiro, entrelaçando-se no silêncio de sua longa expiração. Mesmo tão perto, mal as ouço.

As pontas dos nossos narizes roçam enquanto meu rosto inclina-se sobre o dela. Meus lábios movem-se silenciosamente contra a pele de sua bochecha enquanto murmuro as palavras, *vai ficar tudo bem*.

Eu fiz muita merda selvagem no passado. Fiz algumas coisas que estou surpreso por ter sobrevivido, para ser honesto. Mas naqueles momentos, eu sempre estive sozinho. Há algo sobre deitar tão perto de outra pessoa, sabendo que ela pode ser a última coisa que vejo, que faz tudo ao nosso redor ficar parado.

Merda, talvez eu esteja ficando velho e sentimental.

Então sinto o hálito quente e úmido do urso enquanto ele cheira a parte de trás do meu pescoço. Uma estranha sensação de calma instala-se em mim, mesmo que não devesse. Estou mais calmo do que tenho o direito de estar. É como se meu corpo soubesse que ceder à minha própria ansiedade crescente não vai ajudar.

Porque embora eu possa ter visto minha cota de ursos crescendo em Rose Hill, ainda não senti nenhum respirando no meu pescoço. Para ser franco, é uma experiência que eu poderia ter dispensado.

Mas não há tempo para eu chafurdar na minha ansiedade. Tenho que permanecer composto para Skylar. Então mantenho meus olhos fixos nos dela, desejando que ela fique parada e no

momento comigo, embora ela esteja claramente tão fora de seu elemento que está em outro planeta.

Seus lábios separam-se, e sua respiração fica rápida e frenética. Ela aperta os olhos fechados. Eu posso sentir o cheiro do urso, então tenho certeza que ela também pode.

Todo suor, almíscar e tênis velhos de academia. É avassalador. É uma combinação que nunca vou esquecer.

O sol bate forte nas minhas costas, e o calor do corpo enorme do urso ao meu lado torna o momento completamente sufocante. Descanso minha testa contra a dela e tento regular sua respiração com a minha.

Três segundos para dentro.

Três segundos para fora.

Logo, o calor parece mais suportável. O barulho de unhas batendo forte não é tão alto. O fedor, menos insuportável. O farfalhar da vala se dissipa, e presumo que os filhotes também seguiram a mãe.

Skylar se contorce um pouco e olha-me por baixo de seus cílios grossos. — Você viu os bebês? Eles são tão fofos.

Encosto minha testa contra a dela enquanto reprimo uma risada, perguntando-me como acabo constantemente na órbita de mulheres que são tão atozes em seguir instruções simples — mesmo quando suas vidas dependem disso. — Vamos ficar quietos — é tudo o que respondo.

Não sei por quanto tempo ficamos deitados no chão, inspirando e expirando juntos. Cinco minutos? Dez minutos? Tempo

suficiente para que os nós dos dedos dela estejam doendo de tanto agarrar minha camisa. Seu corpo inteiro ainda está tremendo incontrolavelmente, então passo minha mão sobre seu cabelo para aliviar seu tremor.

Logicamente, sei que o urso seguiu em frente, mas ainda sinto que poderia olhar para cima e ficar cara a cara com ele.

Então fico no lugar, acariciando a cabeça da mulher e tentando orientar-me antes de fazer qualquer movimento para levantar-me.

Para aliviar o momento, eu deixo escapar a primeira coisa que me vem à mente. — Vi os resultados de uma pesquisa recentemente que dizia que seis por cento dos americanos acham que poderiam derrotar um urso-cinzento em um combate corpo a corpo.

— O quê? — A pergunta é ofegante e abafada, mas a expressão em seu rosto é de pura descrença.

— Eu sei. Você acredita nisso?

Ela encara-me como se estivesse se perguntando se eu estou falando sério agora. — Combate corpo a corpo?

Eu aceno para ela antes de espiar por cima de sua cabeça.

Nenhum urso.

Eu me ajoelho e me viro para olhar por cima do ombro.

Nenhum urso.

Agacho-me e passo as palmas das mãos no meu cabelo curto enquanto admiro uma visão completa de 360 graus do nosso lugar na estrada secundária.

Nenhum urso.

Apenas céu azul e sol quente e amarelo.

É com um suspiro irregular que finalmente olho para baixo... e vejo que estou montado em Skylar Stone.

Meus olhos se fixam na linha graciosa de sua clavícula, o volume de seus seios pressionados alto sobre o decote de sua blusa. Fecho meus olhos e balanço minha cabeça, mas não – ela ainda está ali. Debaixo de mim.

Com uma mão, ela enxuga os olhos, mas não faz nenhum movimento para escapar de mim. Ela está caída na estrada, parecendo linda, atordoada e completamente exausta. Seus dentes mordiscam o lábio inferior como se estivesse pensando muito. E ela não solta minha blusa. Seu braço está reto, e seus nós dos dedos ainda estão brancos enquanto ela agarra o algodão.

Finalmente, uma risada vertiginosa sacode seus ombros. — Quando eles dizem seis por cento, no entanto... provavelmente é mais.

Eu suspiro, e então rio com ela. — É, você tem que descartar crianças e idosos.

Seu dedo indicador bate na minha coxa. — E mulheres.

— O quê?

Ela revira os olhos para mim agora. — Só um homem pensaria que pode lutar contra um urso pardo com as próprias mãos.

— Rico vindo da mulher que tentou tirar uma foto com um.

— Era um vídeo!

Eu faço força para levantar-me com as pernas bambas e estendo uma mão para baixo para puxá-la para cima. Com um sorriso, digo: — Certo. Para suas redes sociais. Isso torna tudo *muito* melhor.

Os olhos dela dirigem-se para a minha mão, mas todos os traços de humor anterior foram apagados. As tensões já estão altas, e agora ela está irritada.

— Não me julgue. Você nem sabe o que eu estava fazendo.

— Ok, o que você estava fazendo?

Ela levanta o queixo. — Criando conteúdo relacionável.

— A ser decidido. Vou ter que pesquisar a porcentagem de americanos que foram atacados por um urso pardo em suas vidas.

Ela faz uma pausa, como se estivesse chocada com minha piada casual, então ela diz entre dentes: — Você não me conhece bem o suficiente para zombar de mim. — Um rosnado frustrado ressoa em sua garganta enquanto ela bate sua mão contra a minha agressivamente.

Com um puxão firme, eu a puxo para cima. Ela é mais leve do que esperava, no entanto, e puxo com muita força, o que a desequilibra.

Sua mão livre pousa no meu peito para firmar-se, as pontas dos dedos dela muito perto daquele buraco na minha camisa. Ela olha fixamente por um momento e afasta-se abruptamente, como se tivesse se queimado.

Posso não a conhecer, mas sei que seu rosto tem aparecido em todas as manchetes ultimamente por congelar na frente das câmeras.

Hoje, no entanto? As palavras dela parecem fluir muito bem.

— Estava tudo indo muito bem até você aparecer agindo como se o maldito Crocodile Dundee tivesse cruzado com... com... — Ela acena uma mão sobre mim enquanto luta para encontrar o insulto certo. — Com o Superman ou algo assim.

Eu levanto uma mão e a esfrego sobre meu queixo. — É o maxilar forte, não é?

— Não, é o complexo de herói detestável.

Bufo e cruzo os braços, olhando para ela com diversão. Eu sempre a vi como esse tipo doce de beldade sulista. Toda risada arejada e bons comentários em vez de palavrões e frases curtas cortantes.

Eu não estava olhando bem de perto. Porque ela não é nada disso.

— E — ela acena com a mão sobre meu corpo — a presunção de sabe-tudo.

Agora estou sorrindo de orelha a orelha. — Nós dois sabemos que eu salvei sua bunda. Só diga obrigada.

Ela balança a cabeça enquanto agacha-se para pegar o telefone. — Eu teria feito isso. Mas agora você está exigindo isso de mim, e isso faz parecer forçado e insincero. E estou tão cansada de todos me tratarem como se eu devesse algo a eles. — Ela limpa o jeans, a agitação marcando cada movimento enquanto tenta e

falha em tirar todo o cascalho e poeira do corpo enquanto murmura: — Skylar, faça isso. Skylar, faça aquilo. Skylar, sorria e acene. Skylar, diga obrigada.

Com um suspiro cansado, ela para e olha para cima. — Sabe de uma coisa? Desculpe. Estou tendo um mês ruim. Você não merece essa merda. Já fiz você passar por muita coisa hoje. Obrigada por estar disposto a morrer por mim. Isso é novo e inesperado e algo que terei que processar com meu terapeuta mais tarde.

Eu arqueio uma sobrancelha com a confissão dela. Ela ainda está tremendo, então tento prolongar a conversa. Dou a ela um segundo para recuperar o fôlego. — Um mês ruim?

Um sorriso forçado toca seus lábios, mas então ele vacila quando ela chuta uma pedra perto de seu pé calçado com sandálias. — Na verdade, mais como um ano ruim.

— Já tive isso antes — respondo, observando-a cuidadosamente. Não consigo deixar de perguntar-me o que faz uma mulher que parece tão forte agir como se não pudesse olhar-me nos olhos.

Ela redireciona a conversa com um brilho falso. — Certo, então, de qualquer forma, preciso encontrar a Wild Rose Records. É um pequeno estúdio de gravação boutique. Novinho em folha. Talvez você conheça o dono? Ford Grant? Peguei uma rota panorâmica e me perdi. Essas estradas nem são sinalizadas, e não há recepção. E pensei que me sentiria viva apenas... pegando a estrada aberta. Sabe?

Eu zombo bem-humorado enquanto viro-me para caminhar de volta para minha caminhonete. Quando agarro a porta ainda aberta, olho por cima do ombro para ela. Ela parece linda, confusa e totalmente desamparada.

E não estou nem um pouco incomodado com a explosão dela. Na verdade, eu gosto que ela tenha voltado daquele momento aterrorizante toda animada.

— Nada como uma experiência de quase morte para nos fazer sentir vivos, certo? — Arrasto-me para dentro da caminhonete. — Siga-me, e eu levo você para Ford Grant.

Skylar caminha em minha direção com surpresa estampada em seu rosto. — Você o conhece?

Giro a chave na ignição bem na hora em que ela se aproxima da minha janela aberta. — Pode-se dizer que sim.

Suas sobrancelhas se franzem e ela parece nervosa enquanto coloca o cabelo atrás das orelhas. Pela primeira vez hoje, ela parece abatida.

— Sinto muito. Estou apenas sobrecarregada por... por tudo. Isso foi terrivelmente assustador, e não sei como agradecer. Acho que ninguém jamais esteve disposto a arriscar a vida por mim.

Ela diz isso tão despreocupadamente. Isso pega-me desprevenido.

Que pena.

O pensamento surge na minha cabeça instantaneamente. Que pena ser adulta e não ter sentido esse tipo de lealdade. Ser tão amada quanto Skylar Stone é e ainda assim não sentir isso.

Quando ela me olha por baixo dos cílios grossos, dou-lhe uma piscadela tranquilizadora. — Você pode agradecer não se desculpando mais. Então você pode entrar no seu carro e me seguir.

Ela assente, dentes cravando-se naquele lábio inferior distraidamente carnudo mais uma vez. — Eu nem sei seu nome.

— Weston Belmont. O próprio Super-Crocodile-Dundee-Man de Rose Hill ao seu dispor — respondo com uma saudação dramática.

Ela revira os olhos, e um fantasma de sorriso toca seus lábios. Eu bato minha mão na parte externa da minha caminhonete enquanto vou para frente.

Estou feliz por ter salvado a vida dela, mas ainda tenho quatro cavalos para trabalhar hoje, uma fazenda com tarefas que parecem nunca acabar e duas crianças pequenas que precisam do pai. Tenho que ir.

Não importa o quão tentador seja ficar por perto e conversar.

— Espere! Você não quer saber meu nome? — ela chama enquanto afasto-me lentamente, dando tempo para ela entrar em seu Tesla e vir atrás. Eu não respondo, porque sei quem ela é. Sou fã enrustido de Skylar Stone há anos.

Mas não quero deixá-la desconfortável, então não digo isso. Além disso, haverá muitas oportunidades para conversas.

Porque se ela está indo para a Wild Rose Records... estamos prestes a ser vizinhos.

CAPÍTULO DOIS

Skylar

Eu tenho uma queda por mãos. Não vou nem negar.

Mãos masculinas, especificamente. Como os tendões na parte superior flexionam e ondulam quando elas dedilham uma guitarra. A maneira como elas usam todo o comprimento do cabo de um microfone. A maneira como elas podem ser provocantes e gentis na minha pele.

Eu já namorei pessoas famosas. Artistas e músicos. Homens bonitos, homens influentes. E ainda assim, nunca me vi tão obcecada pelas mãos de um homem quanto estou com aquelas enroladas no volante da caminhonete à minha frente.

O aperto de aço no meu bíceps quando ele nos jogou no chão.

O arranhão dos seus calos na minha pele enquanto ele dizia que tudo ficaria bem.

As tatuagens nos nós dos dedos que eu olhava toda vez que ele esfregava a barba.

Eu posso ouvir meu pai na minha cabeça, claro como o dia, alertando-me para ficar longe de um homem como Weston. Ele ficaria excessivamente preocupado com a pessoa com quem estou saindo manchando minha reputação imaculada de *queridinha da América*.

Homens respeitáveis não fazem tatuagens que uma camisa não consiga esconder.

Mas e os heroicos? Aqueles com cabelos loiros despenteados e músculos que fazem suas camisas parecerem um pouco apertadas demais nos ombros.

Weston Belmont me salvou de um urso pardo. Salvou-me de mim mesma, na verdade. Da minha própria ingenuidade.

Uma garota mais inteligente ficaria cativada pela sua coragem, ou pela sua voz grave, ou pelas suas frases espirituosas.

Não eu. Estou seguindo-o por uma estrada do interior no meio do deserto canadense, sonhando acordada com suas mãos grandes e cheia de calos. Faço uma nota mental para acompanhar isso com meu terapeuta também. Tenho que ser diagnosticada. Tem que ser um mecanismo de enfrentamento de algum tipo.

Problemas com o pai fazem você ter um desejo por mãos?

Eu zombo de mim mesma antes de murmurar: — Meu Deus, Skylar. Você realmente precisa de uma desintoxicação de pessoas.

E é verdade.

Ou pelo menos foi o que eu disse a todos quando fiz as malas e fui embora. Alguns podem dizer que fugir de Los Angeles é fugir dos meus problemas. Outros podem achar rude aparecer sem avisar para um trabalho não confirmado.

Eu? Estou chamando isso de fugir do término mais humilhante do mundo.

Eu chamo isso de desespero.

Mas também tenho um plano. Um que mantive em segredo dos meus pais, que trabalham como meus empresários, assim como do meu agente, que é basicamente apenas um fantoche pago deles.

Vou gravar meu próprio álbum. E não vou contar a ninguém sobre isso. Não quero a opinião deles. Não quero suas opiniões. Este projeto será meu, para mim.

Estou desesperada por um novo começo. Desesperada por uma mudança de cenário. Desesperada para escapar do estrangulamento que minha vida tem sobre mim.

E eu quero dizer um estrangulamento *literal*.

Um em que minha garganta fica tão apertada que cada palavra me falha. Coloque um microfone na minha cara, vire uma câmera para mim ou exhiba-me na frente de uma plateia, e sua garota fica em branco. Tudo o que posso fazer é piscar e rir. Minha boca fica seca, e eu faço minha melhor *impressão de bimbo*², como uma manchete recente chamou.

Não tenho mais certeza se eles estão errados.

Meu momento mais recente de silêncio aconteceu quando eu saía chorando de um restaurante depois de suportar o rompimento acima mencionado. Saí em um mar de perguntas.

— Skylar, o que há de errado?

— Skylar, aconteceu algo entre você e Andrew?

Algo.

Eu zombo de novo no carro silencioso. Aconteceu algo.

² Uma jovem atraente, mas estúpida.

Algo que não posso confessar em voz alta.

Sempre me orgulhei de ser uma pessoa honesta, mas e se tudo sobre mim for falso? O mundo acha que me conhece, mas foi alimentado com uma mentira.

Eu fui alimentada com uma mentira na boca.

Minha vida virou de cabeça para baixo, e não tenho uma única alma com quem conversar sobre isso. A verdade é humilhante demais para reconhecer.

Definitivamente não posso tornar isso público. Pelo menos ainda não. A imprensa me comeria viva. Os fãs teriam pena de mim ou zombariam de mim – nenhuma das duas coisas eu quero.

É engraçado como posso estar cercada por tantas pessoas que dizem me amar e ainda assim sentir-me tão sozinha.

Então, meu novo movimento é olhar fixamente para uma câmera, sem expressão, sentindo como se meus pulmões estivessem cheios de concreto e minha garganta estivesse inchada e fechada. A única coisa mais difícil do que encontrar as palavras certas para dizer é recuperar o fôlego.

Sim, uma garota que se apresentou para milhões de pessoas, que canta, dança e diz todas as coisas certas, agora fecha-se diante das câmeras.

Meu maxilar aperta enquanto preparo-me fisicamente para suportar a surra mental que estou prestes a dar-me, mas a caminhonete que carrega o homem com as mãos gentis dá seta, levando-me a fazer o mesmo. Ele vira em um portão de madeira

manchado pelo tempo que se abre para uma entrada de veículos recém-pavimentada, e eu sigo sua liderança.

Uma espessa estrutura de pinheiros esmeralda bloqueia completamente a propriedade do outro lado da rua e, sem nem pensar, aperto o botão para abaixar a janela, deixando o ar fresco do campo entrar no meu carro – no meu organismo.

— Muito lento! — Cherry grita de sua gaiola no banco de trás. Este pássaro adora passeios de carro.

— É uma entrada de veículos, Cherry. Tenho que ir devagar, sua rebelde.

— Muito lento!

Eu rio e estico o pescoço para ver para onde estamos indo, afastando a ansiedade que está surgindo. Onde Cherry teria ido parar se um urso pardo tivesse me comido na beira de uma estrada secundária? Outra sociedade humana? Um zoológico? Um dos meus pais, que a teria levado para fora diante da imprensa como um espetáculo comemorativo?

Todas as opções são realmente horríveis demais para contemplar, embora já saiba que elas vão me manter acordada quando eu estiver deitada na cama esta noite. Por mais triste que pareça, Cherry, a atrevida papagaia cinza africana com uma propensão a xingar, pode ser minha única amiga no mundo inteiro.

A entrada serpenteia e vira, e há algo aconchegante na pressão das árvores e no cheiro de solo e folhas de pinheiro esmagadas

flutuando pela janela. Eu respiro fundo e sinto-me gradativamente melhor.

Então continuo fazendo isso.

Três segundos para dentro.

Três segundos para fora.

Uma imagem – clara como o dia – dos olhos azul-celeste de Weston perfurando os meus enquanto respirávamos juntos no asfalto passa pela minha cabeça. Eu queria fechar os olhos e esconder-me até que aquele momento de terror acabasse, mas não conseguia desviar o olhar.

Ele me prendeu. Mas ficar presa em seu olhar acalmou-me de uma forma completamente desconhecida.

— Muito devagar! — Cherry reclama um pouco mais, tirando-me da minha cabeça no momento em que as árvores se dissipam.

Fico boquiaberta quando a paisagem se infiltra diante de mim.

Os e-mails de Ford prepararam-me para um cenário pitoresco, mas isso é surreal.

A propriedade está situada em uma encosta suave. Logo à frente está a construção principal com seu deck envolvente e caixa de correio de cobre independente que combina com o telhado de cobre. Embora o revestimento pareça madeira de celeiro antigo que foi preservada, há algo grandioso no lugar. É robusto, mas elevado.

Acima disso, há árvores, pedras e penhascos mortais, tudo coroado pelo céu mais azul. Sem neblina, sem poluição – apenas azul puro e sem filtros. Como os olhos de Weston.

Mas é a vista do lago além que realmente me encanta. É absolutamente de tirar o fôlego. Tão parado que faz-me sentir como se pudesse atravessá-lo. Ou andar de jet ski – se eu soubesse como. A água parece azul-marinho, mudando para um tom azul-petróleo onde o sol brilha contra a superfície.

Ao lado da caminhonete grande, estaciono o carro e recosto-me no assento para absorver a paisagem ao redor.

Parece totalmente único. Não há polimento estéril ou pilares brancos desagradáveis. Não há fontes ou manobristas. Na verdade, não há pessoas até onde os olhos podem ver. Meu corpo relaxa quando essa percepção me atinge.

Até que Weston Belmont aparece do nada e me assusta *pra caralho*.

Devo ter me distraído e perdido ele contornando meu veículo, porque suas mãos grandes e másculas estão aqui, apoiadas acima da minha janela enquanto ele olha para mim. — Você vai ficar sentada aqui o dia todo? — ele pergunta, bem quando Cherry grita: — Vá embora!

Sua cabeça gira bruscamente para olhá-la de cima – bico preto e penas cinza-azuladas com um toque de vermelho na cauda. — O que é isso?

— Quer dizer, *quem* é essa? Ela é minha papagaia. Cherry.

Ele pisca duas vezes antes de dizer: — Ela é rude.

Não consigo deixar de rir. — Você não tem ideia.

— Ela é rude — Cherry acrescenta com uma voz zombeteira que me faz apertar os lábios e estremecer.

— Desculpe. Ela tem um vocabulário extenso, e sua conversa fiada é lendária.

Tudo o que o homem faz é encarar meu pássaro com a testa franzida antes de balançar a cabeça. Então sua mão bate no teto do meu carro enquanto ele se afasta. — Certo. Bem, o escritório é lá. — Ele levanta o polegar por cima do ombro. — Posso apresentá-la se quiser. Caso contrário, vou embora.

— Vá embora! — Cherry diz. De novo.

Faço uma careta ao abrir a porta e sair. Weston não se afasta. Ele fica exatamente onde está, elevando-se sobre mim. Preenchendo sua camiseta de um jeito que garotos artísticos da cidade simplesmente... *não preenchem*. Meus olhos captam o buraco no tecido em seu peitoral esquerdo novamente e o brilho da pele dourada por baixo. A pele dourada de um homem que passa seu tempo ao ar livre sem camisa.

Eu venho da terra da pele clara e dos bronzeados artificiais, então há algo hipnotizante sobre o que pode estar por baixo do material de algodão. Eu varro a vontade de passar um dedo pela abertura para descobrir com certeza.

Mas homens – especialmente homens que chamam minha atenção como este – são a última coisa de que preciso na minha vida agora. Engulo em seco e faço um novo voto de celibato, porque um pau não vai ajudar na minha situação.

Então olho suas íris azuis brilhantes. Elas são tão elétricas que se ele não estivesse parado na minha frente, eu zombaria e faria um comentário desdenhoso sobre como alguém pode ter olhos

dessa cor com o Photoshop. Tudo pode ser alterado para parecer de uma certa maneira. Nada é real.

Mas os olhos dele são.

Ele é.

Eu limpo minha garganta, percebendo que estou olhando boquiaberta há muito tempo. — Bem, eu não diria como Cherry. Mas verdade seja dita, você fez mais do que o suficiente por mim hoje. — Sorrio suavemente, observando-o me olhar com um nível de intensidade que me faz contorcer. — E isso é algo que eu preciso fazer sozinha — acrescento rapidamente, assentindo, mais para meu benefício do que para o dele.

O olhar do homem cai sobre minha boca e aperto os lábios.

— Eu...

— *Vai embora!* — Meu maldito pássaro interrompe-me. Eu amo Cherry, mas, porra. Alguns dias...

Alguns dias, ela é uma bruxa possessiva.

E não tenho tanta certeza se quero que ele vá embora.

Weston sorri, olhos ainda na minha boca, enquanto ele faz um leve barulho de cacarejo. — Tudo bem, Cherry. Ouvi você. Estou indo, estou indo. — Ele dá um passo para trás, mãos erguidas em sinal de rendição.

Quase quero abraçá-lo antes que ele vá embora, e eu nunca me considerei uma pessoa que abraça. Afeição física não é algo com que cresci, pelo menos não a portas fechadas. Em público, meus pais nunca hesitaram em jogar um braço sobre meu ombro ou

oferecer-me um abraço quando as câmeras estavam gravando. Afeição era para mostrar.

— Devemos apertar as mãos ou algo assim? Qual é o protocolo quando alguém usa o corpo como escudo para você em um quase ataque de urso?

— Nah, você já disse obrigada. Você não me deve nada. Eu fiz isso porque quis.

Pisco algumas vezes ao ouvir isso.

Você não me deve nada.

É um sentimento básico, mas pega-me desprevenida. Vivi uma vida de dever algo a alguém constantemente. Olho por olho. Minha atenção em troca de um favor. Constantemente pega no meio de lados em guerra e tendo que sorrir para chegar ao topo.

Estou farta de sorrir.

— Vejo você por aí! — Ele acena e oferece-me uma piscadela antes de virar-se e presentear-me com uma visão de sua bunda firme.

Talvez eu devesse ter oferecido um aperto de mão como agradecimento.

Enquanto afasto o pensamento com um aceno de cabeça repreensivo, ouço-o murmurar para si mesmo do outro lado da caminhonete: — Porra, Tesla e um pássaro falante.

Isso me faz sorrir. Um sorriso genuíno. Mas só por um instante, porque viro e respiro fundo, preparando-me para encarar Ford Grant.

O homem terá uma pequena surpresa.

Sim, falamos sobre trabalhar juntos.

Não, eu não disse a ele que estava vindo.

— Guarde o carro, Cherry. — Verifico se o ar-condicionado está ligado antes de bater a porta e endurecer minha espinha enquanto sigo pela passarela da frente. Não há campainha, o que faz todo o sentido para o lugar. Em vez disso, há uma aldrava ornamentada em forma de urso com um anel preso em sua boca. Eu rio – ursos são meu tema do dia – e bato.

Em segundos, uma voz feminina grita: — Já vou! — Lá de dentro.

A porta abre-se e eu estou cara a cara com uma mulher de olhos azuis. Ela olha para mim e seu queixo cai lentamente.

— Meu Deus. *Oi*.

— Oi — eu digo de volta, minha voz baixa enquanto olho para o chão, sentindo um rubor subir às minhas bochechas.

— Quem é? — pergunta uma voz masculina.

A mulher loira ignora a pergunta e estende a mão para mim. — Eu sou Rosalie, a gerente de negócios aqui na Wild Rose Records. É muito bom conhecer você.

Aperto a mão dela, um pouco surpresa com seu aperto firme. — Oi, Rosalie. Eu sou Skylar.

Ela sorri, apertando minha mão com vigor. — Claro que você é.

— Rosie — a voz do homem chama, mais próxima agora do que antes. — Eu sei que você gosta de me irritar, mas... — Ford Grant

aparece e para de repente quando me vê. Seu pai é um famoso astro do rock, o guitarrista do Full Stop, e a semelhança é clara como o dia.

Seu cabelo castanho-cobre está artisticamente despenteado, e ele é alto e parece estar em forma – ele poderia facilmente passar por um modelo. Ford se misturaria bem de onde eu venho. Mas odeio de onde eu venho, então pego-me notando que ele não tem os músculos pesados do homem que me trouxe aqui.

Ele está vestido casualmente, mas é um tipo de casual caro. Não há buracos em sua camisa, nem arranhões em suas botas. Ele tem classe e, pela primeira vez na minha vida, vejo-me indiferente a isso.

— Skylar? — Sua voz está absolutamente cheia de confusão.

Levanto as mãos ao lado da cabeça com um encolher de ombros e falo simplesmente: — Surpresa?

— Eu diria isso! — Rosalie acrescenta, claramente divertida com toda a situação.

Ford aproxima-se e coloca uma mão possessiva na parte inferior das costas dela enquanto aproxima-se dela. Ela olha para ele, seus lábios curvam-se para um lado, e a interação é tão cheia de afeição e respeito genuínos que me sinto como uma voyeur.

Desvio o olhar, torcendo as mãos. — Desculpe. Sei que isso foi inesperado. Eu só... eu precisava fugir. Precisava trabalhar em algo novo. Alguma chance de começarmos mais cedo? — Despejo toda a positividade e entusiasmo que consigo reunir nessa última

frase e espero que seja o suficiente. Definitivamente estou sentindo-me sem positividade e entusiasmo ultimamente.

As sobrancelhas grossas de Ford franzem enquanto ele olha para mim. Não acho que *ele* esteja bravo, mas há uma aura imponente nele.

Rosalie enfia um cotovelo nas costelas dele. — Você está fazendo cara de idiota descansando. Pare com isso.

Ele lhe lança um olhar irritado antes de voltar sua atenção para mim. — Desculpe, eu estava pensando. O motivo de não ter trazido você aqui ainda é que os chalés não estão prontos, e nem o estúdio de gravação. Eles estão sendo montados, e eu não tenho...

— Eu vou esperar. Fico em qualquer lugar. Monte uma barraca para mim. Eu não me importo. — O que não me falta é determinação.

Ele olha de cima a baixo agora, e um lampejo de compaixão aparece em seu rosto bonito. Sem dúvida ele ouviu o desespero na minha voz. E ele provavelmente está com pena de mim depois de todas as manchetes brutais ultimamente. — Por que você não entra e vemos o que podemos fazer? Há apenas alguns hotéis na cidade, e duvido que eles tenham disponibilidade para uma estadia mais longa no meio da temporada turística.

Rosalie franze o nariz e diz: — *Turistas* — como se fosse um palavrão. — A boa notícia é que eles só vêm aqui em julho e agosto. Vamos. — Ela me conduz para dentro. — Vamos resolver isso.

— Obrigada — eu praticamente suspiro a palavra enquanto a acerto com um sorriso agradecido e sigo Ford para o espaço do escritório.

O prédio é tão bonito por dentro – fresco e rústico ao mesmo tempo. Vigas de madeira revestem o teto abobadado, complementadas por largas tábuas de madeira com uma estranha bagunça de tinta que combina com o azul suave das paredes. Há duas mesas, separadas, mas uma de frente para a outra, bem como uma aconchegante área de estar com sofás enormes e uma biblioteca de vinil que lembra uma loja de discos.

Mas as portas de correr de vidro voltadas para o lago roubam a cena, adicionando um toque moderno ao espaço tipo celeiro. Elas abrem-se para um deck amplo cercado por jardins exuberantes e coberto com móveis de vime.

— Vou comprar uma cama e ficar aqui — eu digo abruptamente em meio a um coro de risadas. — Este lugar é incrível.

— Que bom que você gostou — diz Ford enquanto recosta-se na mesa e cruza os braços.

Olho para ele, e é como se eu pudesse ver seu cérebro trabalhando por trás daqueles olhos verdes. Ele sangra inteligência – e é do tipo intimidador.

Rosalie bate o ombro no meu. — Desculpe — ela sussurra, como se tivesse lido minha mente. — Ele não é realmente o tipo caloroso e fofo.

Dou-lhe um sorriso. — Está tudo bem, prefiro não ser calorosa e fofo a ser falsa qualquer dia.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Wild Eyes (Rose Hill #2)"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).